

## RESUMOS

**A Inserção das Filipinas na Ásia Oriental (1565-1593)**

Após a sua chegada às Filipinas, em 1565, durante as primeiras décadas de presença contínua na Ásia Oriental os conquistadores espanhóis modificaram o modelo colonial que tinha sido estabelecido nas Filipinas. A exportação do modelo colonial americano deparou com um ambiente muito diferente. As Filipinas não tinham nem o ouro nem a prata que esperavam encontrar, as estruturas agrária e populacional dificultavam uma rentabilização da terra, a curto do prazo. A lógica mercantil prevaleceu. A relação entre as ilhas Filipinas pré-hispânicas e outros circuitos da Ásia Oriental revelou-se essencial para a sobrevivência e rentabilização da colónia espanhola. A ligação entre o mar de Sulu e o sultanato de Manila com as rotas comerciais que uniam a costa chinesa com os espaços do Sudeste asiático, através do Bornéu, revelou aos Espanhóis das Filipinas a importância da China na zona. O crescente fluxo migratório chinês para Manila, que passou de 50 chineses que ali se tinham estabelecido, em 1570, para mais de 5.000, em 1580, fortaleceu a ligação da capital filipina com a costa de Fujian. A abertura parcial das duras restrições ao comércio marítimo na província chinesa de Fujian, em 1567, favoreceu este processo. Também a união dinástica com Portugal, em 1580, alterou significativamente o estado de coisas na Ásia Oriental. Os Espanhóis de Manila tentaram impor a sua supremacia na área, mas as orientações régias tenderam a respeitar a separação e a preservação dos sistemas coloniais português e espanhol. A união dinástica provocou a ilusão da “monarquia universal” e o sonho do “império onde o sol nunca se põe”. Macau e Manila eram os enclaves extremos de dois sistemas coloniais que tinham chegado à Ásia Oriental de direcções opostas. Os repetidos fracassos espanhóis para controlar as ilhas Molucas, durante estas primeiras décadas de presença na zona, e o recente fortalecimento centralizador e

expansionista do Japão marcam também uma dinâmica da adaptação espanhola à lógica das comunidades mercantis coexistentes, mas rivais, na área do Sudeste asiático do século XVI. [Autor: Manel Ollé i Rodríguez, pp. 6-22]

**Portugueses e Espanhóis em Macau e Manila com os Olhos na China**

Neste texto pretendemos analisar as relações político-diplomáticas entre Portugueses e Espanhóis que enquadram as relações mercantis entre Macau e Manila. O próprio surgimento do Senado de Macau, em 1583, e a sua legitimação pelo Vice-Rei da Índia (em 10 de Abril de 1586), foram um reflexo do esforço da comunidade portuguesa de Macau de melhor se organizar para, por um lado, impedir a sua anexação pela autoridade espanhola das Filipinas e, por outro, para obter um certo reconhecimento das autoridades chinesas, que protegesse Macau da penetração espanhola na China, inviabilizando, assim, a participação directa dos Espanhóis no comércio com o Império do Meio e anulando a tentativa espanhola de dispensar os Portugueses de Macau como intermediários do precioso comércio da China. Veremos os interlocutores, as manobras dos respectivos grupos de pressão, degladiando-se reciprocamente, uns pela defesa e outros pelo ataque à realização da rota Macau-Manila. Veremos que as solidariedades dos respectivos grupos se instituíram, preferencialmente, à volta da defesa dos interesses das respectivas rotas mercantis, mais que pelo elemento de pertença a determinada nacionalidade. Referir-nos-emos igualmente aos períodos de aliança entre Portugueses e Espanhóis contra os outros concorrentes europeus, nos mares da Ásia. Analisamos a forma como Macau sobreviveu à dramática crise decorrente da sua sucessiva expulsão das rotas que eram o seu sustento principal (Japão, 1638-9; Malaca, 1641; e,

finalmente, Manila, em 1642). Por fim, analisamos comparativamente Macau e Manila, identificando os elementos comuns ao seu desenvolvimento económico-social e urbano.

[Autor: Rui D'Ávila Lourido, pp. 23-45]

**Poder, Sociedade e Comércio: A Relação Histórica entre Macau e as Filipinas (Séculos XVI – XVIII)**

Remonta ao século XVI, aquando da fixação dos Espanhóis nas Filipinas, o comércio entre Macau e Manila, embora muitas das vezes ilegal e sofrendo a concorrência de outros povos. A ocupação espanhola das Filipinas e, depois, o afluxo de prata da América, atraíram ainda mais Chineses, principalmente do Fujian (Fukien), embora fosse já anterior à fixação dos Espanhóis a existência desta comunidade nessa região. Nesta época, Manila e Macau desenvolveram-se como poderosos centros mercantis de difusão da seda, porcelana e outros produtos chineses na Ásia do Sueste, no Japão, na Índia, na América e na Europa. Comércio este que se inseria nas malhas do comércio tradicional inter-asiático bem como nas novas redes mercantis entre o Oriente e o Ocidente, pelo Índico e Pacífico. A abertura ao comércio marítimo, que se registou sob a dinastia Ming, nos finais do século XVI, incentivou o comércio chinês com a Ásia do Sueste. Esta abertura do Império do Meio ao comércio com o exterior facilitava as tentativas dos Espanhóis das Filipinas de comerciarem directamente com a China, apesar dos protestos dos mercadores de Macau. Outro factor a avolumar as preocupações destes era o comércio directo de Manila com o Japão, apesar de todas as proibições oficiais. Os mercadores de Macau iriam envidar todos os esforços para não perder o mercado chinês e os seus rendimentos, continuando com as viagens clandestinas para Manila, quer através de barcos e agentes chineses, quer por rotas

## RESUMOS

indirectas, como o Japão e portos da Ásia do Sueste. Por outro lado, intensificaram a pressão para a abertura e legalização da rota Macau-Manila. Assim, as autoridades do Estado da Índia decidiram legalizar e oficializar esta rota, como única forma de a fiscalizar, através de um regimento de monopólio real (em 1623). Em 1629, o Conselho da Fazenda (constituído pelo Vice-Rei, Ministros e Deputados do Estado da Índia) decidiu a passagem a um sistema de concessões à exploração particular. Em 1637, no entanto, volta a ser monopólio régio, passando os lucros da viagem para a Fazenda Régia e proibindo-se todo o comércio particular. Mas o comércio continuava, embora oficialmente interdito, de uma forma clandestina ou encapotada. Utilizavam-se, assim, outras rotas que permitiam a comunicação com Manila, através da Ásia do Sueste, Índia ou Japão, ou fretando navios de outras nações. Depois da expulsão dos Portugueses do Japão e do corte de relações com Manila, na sequência da Restauração da Independência, os mercadores de Macau socorreram-se igualmente de rotas intermediárias, como Macassar e Banten, para obterem a prata de Manila. Na primeira década do século XVII havia imensos comerciantes e estrangeiros em Manila: Chineses, Japoneses, Malaqueiros, Javaneses, Franceses, Italianos, Gregos, Espanhóis (homens e mulheres) e muitos Portugueses. Estes, segundo o Pe. Videira Pires, ali fundaram uma Misericórdia, sucursal da de Lisboa, em 1606. Também o Prof. Charles Boxer diz que: “houve um ramo florescente em Manila, fundado em 1606, segundo o modelo da casa-mãe de Lisboa; outro em Nagasaki, que tinha fama em todo o Japão pelas suas obras de caridade, antes de ter sido extinto durante as perseguições que começaram em 1614.” No século XVIII, as principais nações europeias lançaram-se abertamente na luta comercial pela conquista dos mercados da Ásia, com grande prejuízo para Macau. Em 1730, a China abriu Cantão ao comércio internacional, passando os navios de Manila a seguir directamente para aquela cidade, causando o declínio do porto de Macau.

No século XIX, as guerras napoleónicas e as revoltas na América Latina reduziram Manila a um porto de categoria secundária. [Autor: Leonor Diaz de Seabra, pp. 46-58]

### Filipe II, Rei de Espanha e Portugal, e as Relações entre as Filipinas e Timor

As relações de cooperação entre as Filipinas e a jovem República Democrática de Timor Leste são presentemente não apenas intensas como extremamente cordiais. A mesma compreensão se encontra na colaboração religiosa, sendo muitos os sacerdotes, religiosos e religiosas filipinas que presentemente trabalham em Timor Leste, dos grupos sanitários às farmácias, da actividade pastoral às obras pias, passando mesmo pelo desenvolvimento de responsabilidades paroquiais. Este artigo trata de revisitar a história das relações entre as Filipinas e o território de Timor e ilhas adjacentes, chamando nomeadamente a atenção para os projectos de Filipe II investindo na secularização da governação colonial do que se chamava, na época, “capitania de Solor e Timor”, acompanhando estratégias de ligar tratos e agentes coloniais dos enclaves “portugueses” na Insulândia a essa outra colónia espanhola na outra margem do Pacífico – as Filipinas. [Autor: Ivo Carneiro de Sousa, pp. 59-67]

### Missões das Filipinas para Territórios Portugueses no Sudeste da Ásia durante os Séculos XVI e XVII

A partir do estabelecimento de Legazpi nas ilhas Filipinas, 1565-1569, e da sua intenção de estabelecer a capital da colónia numa região mais setentrional, na ilha de Luzon, mais próxima da China, revelam-se claramente as intenções espanholas de aproximação ao trato dos mares do Império do Meio e, subsequentemente, de poderem participar no grande esforço missionário na região, onde queriam

naturalmente marcar posição. Portugal, através do Padroado Português do Oriente, exercia já na região, desde a tomada de Malaca em 1511, uma grande influência neste campo da missão, apoiado naquela praça malaia e, principalmente, em Macau, placa giratória por excelência para a evangelização da China, Formosa, Coreia, Tonquim e Japão. Estas duas cidades detinham também estruturas eclesiásticas definidas, com dioceses e ordens religiosas activas e com formação e experiência missionária na Ásia Oriental. As Filipinas espanholas são, pois, a frente de avanço missionário da Espanha no Extremo Oriente. O Sínodo da diocese de Manila, terminado em 1586, marca o arranque da epopeia missionária dos hispano-filipinos no Oriente “português”, rivalizando com o Padroado na estratégia pastoral de conversão e animação católica da região. As ordens religiosas tiveram neste campo uma enorme influência, dado os seus efectivos terem sido os agentes dessa diáspora missionária a partir de Manila, tendo a China e o Japão sido os campos de missão mais almejados. Partindo-se de uma cartografia concreta, urge fixar e classificar todas as obras, impressas ou manuscritas, que documentam a história da presença de ordens religiosas europeias no Sudeste Asiático. Estas foram os gérmenes operativos e os suportes culturais, espirituais e civilizacionais pioneiros da presença ibérica no Extremo Oriente. De uma vez por todas, nunca se deverá desarticular o importante papel das Filipinas espanholas na missão no Sudeste da Ásia, em consonância como em conflito, ou independentemente, das missões portuguesas. A partir do conhecimento concreto da presença histórico-geográfica das missões religiosas ibéricas no Extremo Oriente, estaremos sem dúvida perante um conhecimento mais aprofundado da presença civilizadora – ou não – dos povos ibéricos na região e potenciador da abordagem polivalente e noutras valências científicas desse mesmo encontro de povos e culturas. [Autor: Victor Gomes Teixeira, pp. 68-79]

### **O Papel dos Dominicanos na Iniciativa Portuguesa no Oriente durante o Século XVI**

Este trabalho cobre duas partes, ambas relacionadas com o papel dos dominicanos na Iniciativa Portuguesa no Oriente durante o século XVI. Primeiro, aborda-se o seu papel na Expansão Portuguesa no Oriente durante os anos pioneiros, anos difíceis e de desbravamento. Alguns dos evangelizadores na Índia e no resto do Império Português do Oriente foram dominicanos portugueses, homens de zelo missionário e de visão da metodologia da missão. O papel que desempenharam foi absolutamente primordial. Os dominicanos, em conjunto com os franciscanos, os agostinhos e os jesuítas, foram os grandes arautos da Cristandade na Ásia. Em segundo lugar, é referida a acção dos dominicanos espanhóis na mesma Expansão Portuguesa. Os dominicanos espanhóis, que chegaram ao Oriente através do México, estabeleceram-se em Manila, nas Filipinas, com os olhos postos na China e no Japão e em outros reinos asiáticos. O autor aborda em particular a figura de Domingo de Salazar, O. P., primeiro bispo das Filipinas (1512-1594), e a sua acção na aceitação final pelos Portugueses de Macau e das Molucas de Filipe II como Rei de Portugal. O autor atribui também relevância aos esforços dos dominicanos espanhóis do Santo Rosário das Filipinas para se estabelecerem na casa/convento em Macau, esforços que, não obstante a união da coroa de Portugal sob o domínio de Filipe II, não tiveram resultados.

[Autor: Pe. Lucio Gutierrez, pp. 80-87]

### **Relações de Portugal com as Filipinas segundo os Cronistas Portugueses do Século XVI**

A historiografia portuguesa do século XVI contribuiu para a descoberta europeia das Filipinas ao assinalar e divulgar os pontos mais marcantes do início das relações entre Portugal e as gentes e as terras das Filipinas na primeira metade desse século. Tal

matéria da História da Expansão dos Portugueses pelo Mundo ainda não foi estudada no seu conjunto, pelo que consideramos necessário apontar os seus elementos mais relevantes, tendo em consideração as fontes onde são focadas e que até agora não foram analisadas. Com efeito, verificámos que na maior parte da bibliografia existente sobre as Filipinas no século XVI geralmente só são referenciadas fontes espanholas, pelo que se desconhece a perspectiva de acontecimentos protagonizados por portugueses. As matérias que aqui tratamos foram registadas pelos principais cronistas portugueses que escreveram sobre temas orientais do século XVI: Fernão Lopes de Castanheda, João de Barros, Gaspar Correia, António Galvão e Diogo do Couto, a que acrescem outros cujas obras se centram na área das Molucas. As ilhas que actualmente pertencem às Filipinas começaram a ser assinaladas pela Historiografia Portuguesa no contexto da viagem ali realizada por Fernão de Magalhães em 1521, surgindo depois referências a tais territórios no decorrer de narrativas dos esforços desenvolvidos pelos portugueses no sentido de assegurar o domínio de posições hegemónicas na Insulíndia e, sobretudo, do comércio das Molucas, onde tentaram impedir a concorrência espanhola. Ao considerarmos o facto de o centro das atenções dos portugueses na Insulíndia durante o século XVI se concentrar nas Molucas, devido à sua riqueza em cravo, e de os meios de que dispunham para nelas manter as suas posições hegemónicas serem bastante limitados, podemos compreender que não podiam dispersar tais meios pelo arquipélago que lhe ficava a norte, onde não havia bens equiparáveis que os pudessem seduzir. Em contraste com esta situação, mas neste mesmo contexto, é de assinalar que os contactos dos portugueses com as Filipinas antecederam de poucos anos o estabelecimento de relações com o Japão. Para os portugueses da primeira metade do século XVI as Filipinas foram sobretudo uma zona fornecedora de alimentos e onde se fazia algum comércio, estando a norte da rota entre

as Molucas e Malaca pela via de Bornéu, tendo ainda uma posição estratégica de onde era possível esperar a vinda da concorrência de espanhóis. Por tais motivos os portugueses ainda realizaram algumas acções no sentido de marcar presença na zona, tendo havido algumas iniciativas de contacto, tendo as mais importantes sido levadas a cabo em 1538 por Francisco de Castro. Este chegou mesmo a criar zonas de influência política e religiosa em Mindanau e nas ilhas vizinhas depois de, em 1535, João da Canha Pinto ter estado nessa zona e de ter verificado a inexistência de ouro e especiarias que para ali fossem susceptíveis de mobilizar investimentos em bens e pessoas. A situação das relações entre Portugal e as Filipinas veio a alterar-se a partir de 1565, quando os espanhóis começaram o seu domínio sobre estas ilhas, o qual não pôde ser evitado pelos portugueses, que até então se haviam limitado a uma vaga reivindicação da posse das ilhas ao abrigo do tratado de Tordesilhas (1494) e, sobretudo, do de Saragoça (1529). [Autor: José Manuel Garcia, pp. 88-94]

### **Contactos Ibéricos com as Filipinas nos Séculos XVI e XVII: Breves Apontamentos Bibliográficos**

As relações entre Macau e as Filipinas constituem um dos “buracos negros” da historiografia ibérica, como se portugueses e espanhóis respeitassem um implícito Tratado de Tordesilhas historiográfico que os impede de analisarem as relações mútuas. Apenas recentemente começaram a surgir estudos a respeito desse relacionamento, sobre o qual, entretanto, existe um conjunto de fontes narrativas, documentais e cartográficas praticamente inesgotável, sobretudo em Arquivos de Espanha. O movimento mercantil que ligou as duas cidades portuárias, sobretudo no período da União Ibérica, necessita urgentemente de renovadas abordagens. Os condicionalismos políticos que rodearam o relacionamento luso-ibérico nas partes mais longínquas da Ásia também merecem a atenção dos investigadores,

## RESUMOS

bem como os conflitos inter-europeus que, a partir dos primeiros anos do século XVII, riveram por palco o mar do Sul da China, envolvendo nomeadamente a Formosa e o Japão. Despertam ainda interesse as relações culturais que se desenvolveram entre as Filipinas, Macau e a China e que estiveram na origem de uma intensa produção textual, materializada em crónicas de conquista e missionação, tratados geográficos e etnográficos, relatos de viagens e de naufrágios. Como forma de contribuir para uma renovação dos estudos históricos em torno do eixo Macau-Manila, o autor apresenta alguns apontamentos bibliográficos despreziosos, procurando divulgar as principais fontes quincentistas e seiscentistas disponíveis, muitas delas a aguardar ainda uma exegese cuidada, e alguns dos indispensáveis instrumentos de trabalho, bem como alguma da bibliografia dedicada, ou que faz referências alargadas, à temática. [Autor: Rui Manuel Loureiro, pp. 95-107]

### Camões em Macau. Um Mito Historiográfico

Uma tradição muito persistente continua a associar Luís de Camões à cidade de Macau, onde hoje existe, inclusivamente, uma “Gruta de Camões”. O presente trabalho tenta encontrar na documentação quincentista vestígios concretos da efectiva ligação do grande poeta português à metrópole luso-chinesa do Rio das Pérolas. Tenta também averiguar a historicidade da alegada passagem de Camões pela costa meridional da China em meados do século XVI, durante as prolongadas viagens que efectuou pelos mares asiáticos, analisando algumas das primeiras versões, e impressões, de determinados escritos camonianos. Os dados actualmente disponíveis parecem revelar que Luís de Camões nunca esteve em Macau. E, muito provavelmente, nem sequer visitou o litoral chinês, uma vez que o seu célebre naufrágio terá acontecido numa viagem abortada entre Malaca e a costa do sul da China. [Autor: Rui Manuel Loureiro, pp. 108-125]

### Ponto de Refúgio e Inspiração: Macau na Obra do Escritor Neerlandês Jan Jacob Slauerhoff (1898-1936)

Jan Jacob Slauerhoff, nascido em Leeuwarden, capital da província da Frísia, é um dos escritores clássicos da literatura neerlandesa do século XX. Desde jovem sofrendo de afecções asmáticas e, mais tarde, de uma tuberculose que lhe provocaria a morte aos 38 anos, teve uma vida difícil, que se reflectiu num carácter rebelde e irrequieto, o que profundamente marcou a sua obra e a sua maneira de ser. Fascinado pelo mar e por culturas remotas, optou pela profissão de médico de bordo. Nessa qualidade percorreu os mares de lés a lés e contactou com países e culturas da Ásia, África e América Latina. De Setembro de 1925 a Setembro de 1927 trabalhou na Java-China-Japan-Lijn, uma companhia de navegação que fazia a ligação entre a ilha de Java, a costa chinesa e o Japão. Data desse período um fascínio duradouro pelo mundo chinês, nomeadamente por Macau, e pela figura de Luís de Camões, que inspiraram uma parte substancial da sua obra – apontamentos de viagem, poesia, contos e romances. Nos anos seguintes, e através de visitas a Portugal, Espanha e América Latina, aprofundou o seu interesse pelo mundo ibérico e pela época das grandes descobertas e conquistas. Macau e Camões figuram lado a lado no mais conhecido romance do autor, *Het verboden rijk* (1932, edição portuguesa: *O Reino Proibido*, 1997) que, conjuntamente com outros escritos, testemunha uma paixão muito pessoal pelo enclave português e pelo poeta dos Lusíadas. Trata-se de um singular caso de identificação que revela muito sobre o próprio escritor, mas igualmente sobre Macau, Camões e a condição humana na Europa da época entre as duas grandes guerras. [Autor: Arie Pos, pp. 126-135]

### Romantismo e Sport em Macau e Goa na Transição do Século XIX para o Século XX

Desde o século XVI e até aos nossos dias, muitas gerações de cronistas e escritores têm sido responsáveis por uma

vasta Historiografia sobre as ex-colónias portuguesas. Obras que dão primazia a questões de ordem institucional, política, religiosa ou económica, no âmbito da expansão portuguesa. Muito poucos, e por todo o mundo, deram atenção especial às práticas do corpo. Daí Michelet referir ser o corpo o grande ausente da História. Cândido do Carmo Azevedo, na sua Tese de Doutoramento – “O Lúdico na História do Oriente Português. Um diálogo intercultural do século XVI ao século XX” –, juntou as duas áreas em que se licenciou, História pela Universidade de Lisboa, e Educação Física e Desporto pelo Instituto Superior de Educação Física, para nos contar uma História do Corpo nas antigas colónias orientais, procurando mostrar:

- a) que actividades lúdicas foram os portugueses portadores, quais as que encontraram, e de que forma se deu a sua difusão no tempo e no espaço;
- b) que divertimentos amenizaram a vida difícil da lusa gente na diáspora oriental;
- c) as festas do povo, momentos lúdicos por excelência e que, com a multiplicidade dos seus costumes, implicações e rituais, rompem com as rotinas da sociedade instituída;
- d) se o lúdico contribuiu, enquanto especificidade cultural, para a preservação dos valores e património de um povo; e
- e) qual foi a política educacional e qual a racionalidade corporal nas ex-colónias do Oriente.

*Revista de Cultura* transcreve um curto extracto da sua longa tese, reportando-se apenas a Macau e Goa, na transição do século XIX para o século XX. Porém, este simples extracto permite-nos perceber o perfil do homem colonial e revela-nos “o homem do sonho, da aventura, da emoção, dos sentimentos, do choro, do corpo em festa e da alma transbordante de abertura ao mundo e à vida”.

[Autor: Cândido do Carmo Azevedo, pp. 136-146]